

Silvério da Rocha-Cunha
Marco António Baptista Martins
Leonardo de Mello Dutra

Tensões e Paradoxos da Desordem Mundial numa Era de Crise



Núcleo de Investigação
em Ciência Política
e Relações Internacionais

Silvério da Rocha-Cunha
Marco António Baptista Martins
Leonardo de Mello Dutra

*Tensões & Paradoxos
da Desordem Mundial
numa Era de Crise*

Núcleo de Investigação em Ciência Política
e Relações Internacionais

Título

Tensões e Paradoxos da Desordem Mundial numa Era de Crise

Autores

Silvério da Rocha-Cunha

Marco António Baptista Martins

Leonardo de Mello Dutra

Execução Gráfica

Várzea da Rainha Impressores

ISBN

978-989-98699-4-3

Depósito Legal

-

Este trabalho é financiado por fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade — COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/CJP/UI0656/2013.

Índice

Nota prévia, p. 6

Silvério da Rocha-Cunha— *Paradoxos da Política numa Cosmópolis adiada* p. 8

Marco António Baptista Martins— *À procura da ordem mundial*, p. 44

Leonardo de Mello Dutra— *A Sociedade Anómica: a ordem na política internacional*, p. 90

Nota prévia

Alimentada por um progresso técnico sem precedentes, a Globalização assumiu contornos a que nenhuma cultura pode escapar. Se é certo que grande parte do atual sistema internacional já é, em si mesma, resultado de um processo globalizador detonado a partir da Modernidade, o facto é que a contemporaneidade é marcada pelos avatares, até certo ponto inesperados, do fim de uma Modernidade que ainda pôde ser relativamente coerente durante o Sistema Internacional Mundial (1945-1991), mas que, a partir daí, passou a produzir efeitos que se constituem sob a forma de paradoxos, tensões e contradições que põem à prova os princípios que erigiram a sociedade internacional.

Este livro pretende examinar estas tensões e paradoxos que afetam o mundo contemporâneo, hoje uma “Cidade Terrestre” sob compressão e perante desafios que ela mesma, no seu conjunto, não conhece, perdida que está por entre os enigmas que se esforça, humanamente, por decifrar.

Silvério da Rocha-Cunha
Marco António Baptista Martins
Leonardo de Mello Dutra

*A Sociedade Anômica:
a ordem na política internacional*

LEONARDO DE MELLO DUTRA

A ordem internacional contemporânea está doente. Ou dito de outra maneira, a ordem do cenário internacional é por natureza enferma.

A caracterização dos arranjos formados pelos atores internacionais possui uma doença congênita que define este ambiente: a anomia.

O panorama internacional é anômico por um triplo sentido conceitual:

1. Porque possui dificuldade para construir e cumprir normas (*nomos*);
2. Porquanto que não possui qualidade na integração entre as metas da sociedade internacional e os procedimentos institucionalizados para o alcance destes objetivos; e
3. Porque padece de uma patologia social que determina objetivos impossíveis de serem cumpridos no cenário internacional, conduzindo este ambiente à uma condição perpétua de transgressão (*anomia*);

A condição anárquica¹⁰⁵ do arranjo entre os atores internacionais explica a dificuldade em se estabelecer normas e legitimar leis internacionais. Sobretudo, a anarquia resultante da ausência de um governo mundial caracteriza um grande obstáculo para que as regras sejam cumpridas nas relações internacionais.¹⁰⁶

No entanto, o costume e os hábitos produzidos pela experiência dos atores internacionais evidentemente construíram normas de convivência no ambiente internacional.

São fortes os hábitos de cooperação entre comunidades políticas¹⁰⁷ distintas para o estabelecimento de canais de comunicação entre elas.

¹⁰⁵ Um dos elementos centrais para a teorização das Relações Internacionais é salientado por Hedley Bull em seus estudos sobre a anarquia e a existência de uma Sociedade Internacional: “Whereas men within each state are subject to a common government, sovereign states in their mutual relations are not. This anarchy it is possible to regard as the central fact of international life and starting-point of theorizing about it. A great deal of the most fruitful reflection about international life has been concerned with tracing the consequences in it of this absence of government.” Hedley Bull, “Society and Anarchy in International Relations,” in *Diplomatic Investigations: Essays in the Theory of International Politics*, ed. Herbert Butterfield e Martin Wight. Cambridge: Harvard University Press, 1966, 35.

¹⁰⁶ Neste texto, o termo “Relações Internacionais” em maiúsculo indica a área de conhecimento científica do campo da Ciência Política. Já o termo “relações internacionais,” em minúsculo, faz referência a interação entre os atores internacionais.

¹⁰⁷ Comunidades políticas ou comunidades políticas independentes fazem referência aos agrupamentos sociais na história das relações internacionais que reclamaram independência entre si, ou seja, não reconheceram outras comunidades políticas como hierarquicamente superiores a si mesmas. De forma

A diplomacia tem evidenciado a capacidade de se firmar acordos e sustentar normas internacionais, nem que sejam as regras que garantem a existência do próprio aparelho diplomático.

Contudo, são precárias as leis internacionais que prescrevem determinados tipos de comportamentos aos atores no mundo.

Com muita frequência as liberdades individuais dos homens são desrespeitadas em comunidades políticas do presente e do passado. Neste caso, mesmo que as normas internacionais existam para a garantia da vida dos homens elas esbarram nas transgressões dos Estados, especialmente quando estes intitulam por cidadãos os que antes eram homens.

É em que pese algum grau de desrespeito às leis seja intrínseco a todas as sociedades, em situações específicas das relações internacionais a violação das normas é a regra, e não a exceção.

Esta perpétua situação de transgressão das regras ou anomia (*a-* negação, *nomia-* norma) no cenário internacional pode estar relacionada a um comportamento normal e desviante das leis em determinadas sociedades.¹⁰⁸

genérica, referem-se aos atuais Estados, Reinos ou outras formas de agrupamentos em variações de povos, territórios e governos na história.

¹⁰⁸ Dois estudos merecem destaque nesta conceptualização da anomia. Os escritos de Émile Durkheim inserem o termo na sociologia em análises da divisão do trabalho e posteriormente do suicídio. Da mesma forma, Robert Merton desenvolve o tema ao analisar a anomia na sociedade norte-americana.

A anomia possui diversos significados complementares desenvolvidos nas Ciências Sociais. Para além do significado de ausência ou transgressão de normas (*a-* negação, *nomia-* norma), a anomia pode representar uma desarmonia no funcionamento

Neste caso, a normalidade da transgressão advém de um descompasso entre a definição de objetivos e a composição de meios para o alcance destes.

No cenário internacional é fraca a integração entre a operacionalidade das instituições com os objetivos que deram origem a institucionalização destes processos.

No entanto, é comum que a configuração de sujeitos em sociedade produza a formação de objetivos conjuntos e métodos de regulação e controle para alcançar tais propósitos.

Porém, o arranjo de atores na composição de uma sociedade internacional apresenta uma fraca conexão entre a definição de objetivos e o desenvolvimento de mecanismos institucionalizados para o alcance destes alvos.

Na sociedade internacional, como em outros agrupamentos sociais, os objetivos são baseados na experiência dos atores que formam a sociedade.

de determinados grupos sociais. Robert Merton conclui que a sociedade moderna prescreve objetivos aos indivíduos ao mesmo tempo que não permite que esses objetivos sejam realizados, pois não fornece meios aos homens para que realizem seus projetos. Desta forma, diante da impossibilidade de realização dos projetos de vida por vias legais, os indivíduos ou grupos destes normalmente transgridem as normas, entendendo que essa seria a única alternativa (ou a opção mais apropriada) para o alcance de seus projetos de vida. Para um aprofundamento no tema ver Émile Durkheim, *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 367-380; Émile Durkheim, *O Suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 303-329; e Robert Merton, *Social Theory and Social Structure*. Nova Iorque: The Free Press, 1968, 189-258.

A definição destas metas é um importante fator de coesão para a justaposição de sujeitos tão diferentes como os atores internacionais.

Segue que as metas desta sociedade derivam de uma escala de valores resultante de aspirações e percepções da experiência dos atores que compõe esta mesma sociedade.

Contudo, tal percepção tem construído sistematicamente fins que não encontram meios apropriados para a sua execução. E diante da impossibilidade de execução do que foi estipulado, uma condição de anomia é instalada neste grupo social.

Essencialmente, tal condição patológica acaba por aceitar o comportamento desviante de alguns atores como uma situação ordinária.

Assim, sujeitos anômicos no cenário internacional passam a transgredir os princípios estipulados pela própria sociedade com o objetivo de alcançar os fins determinados pelo agrupamento social.

O uso persistente da violência ou a constante normalidade da prática de ações armadas são ilustrações desta doença nas relações internacionais.

Desta forma, a nata insistência humana em buscar objetivos sociais infectada pela anomia acaba por destruir muitas das possibilidades de alcance dos próprios fins estipulados.

Ou dito de outra forma, a natureza da sociedade internacional que privilegia os fins espontaneamente destrói as possibilidades de alcance destes mesmos fins.

Assim, a ordem internacional vacila entre períodos de recorrência entre desenvolvimento e retrocesso. Oscila entre a paz e a guerra itinerante nas mais variadas regiões do mundo, pois a estabilidade inter-

nacional objetivada não possui meios apropriados para o seu desenvolvimento.

Desta forma, a paz futura cega uma sociedade anômica, apagando muitas das percepções da realidade internacional que cedem lugar a uma realidade objetivada, futura, e inatingível.

Para sustentar o argumento da doença da política internacional, ou da anomia da ordem, este capítulo primeiramente desenvolve o conceito de anomia e de ordem em uma sociedade internacional.

Segue uma apresentação de diferentes representações da realidade internacional que em conjunto poderiam descrever a pluralidade da ordem.

Os limites do desenvolvimento desta sociedade demonstrados nestas representações sustentam a existência de uma patologia na ordem, que constrange os avanços da sociedade das comunidades políticas independentes.

Ainda, este texto aborda as características do ambiente internacional na história que permitem apontar um sentido de recorrência nas relações internacionais. Da mesma forma que expõe argumentos que poderiam explicar a resistência do espaço internacional em reconhecer a anomia da ordem.

Por fim, diante de algumas das similaridades das relações internacionais no tempo e das limitações do desenvolvimento do espaço internacional é sugerida a anomia da ordem. Uma anomalia da formação desta sociedade que impõe a normalidade da transgressão das regras nas relações internacionais

A anomia da ordem

No ambiente internacional a inter-relação entre a experiência dos atores com as projeções de futuro

baseadas nestas práticas compõem a realidade das comunidades políticas no mundo.¹⁰⁹

Particularmente, são frequentemente idealizados objetivos para o ambiente internacional que não possuem meios apropriados para o seu alcance.

Com base na experiência de determinados grupos sociais, as sociedades idealizam caminhos para serem percorridos pelos atores conjuntamente.¹¹⁰ E para que tais objetivos sejam alcançados, estas sociedades produzem instituições que estipulam processos para estes fins.

Contudo, varia de sociedade para sociedade a ênfase dada no desenvolvimento das instituições ou no alcance dos objetivos. Alguns agrupamentos sociais podem realçar a execução dos processos dando atenção apenas aos rituais criados pela sociedade, desta forma, distanciando-se dos objetivos que produziram tais procedimentos.¹¹¹

¹⁰⁹ A teoria sobre a anomia da ordem apresentada neste texto metodologicamente está pautada no chamado método dedutivo da prova. Assim, as hipóteses deste trabalho partem da livre criação intelectual, para então, receberem sua prova histórica, não estando baseadas em um indutivismo metodológico, o que em última análise, previne este trabalho da preocupação com outras questões ontológicas, epistemológicas ou metodológicas que não possuem relação com o método da investigação que resultou nestas ideias. Sobre o método dedutivo ver Karl Popper, *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002, 30.

¹¹⁰ O aprofundamento do conceito de anomia neste texto segue os pensamentos de Robert Merton, executando uma transposição de ideias do que antes haviam sido pensadas para uma sociedade doméstica para o ambiente internacional. Merton, *Social Theory and Social Structure*, 186-189.

¹¹¹ Merton, *Social Theory and Social Structure*, 188.

Logo, presume-se que o equilíbrio social neste caso existiria na capacidade de atingir objetivos e possuir mecanismos institucionais apropriados para isso.

As sociedades domésticas experimentam constantemente o dualismo entre instituições e objetivos. Por exemplo, quando objetivam diminuir índices de violência interna nos Estados, diferentes governos precisam estabelecer meios para o alcance destes desígnios.

Igualmente, tais metas somente conseguem lograr algum sucesso caso a população que compõe a comunidade política legitime estes objetivos como oportunos.

Assim, destina-se orçamento independente para justiça, compõe-se um treinado e aparelhado corpo policial, e principalmente, investe-se em políticas de educação e coerção na sociedade.

Porque as sociedades domésticas que estabelecem objetivos para a violência sem consolidar o aparato próprio para a execução destes objetivos, veem-se cada vez mais desrespeitadas pela violência que pretendiam ceifar. Neste caso, não há execução dos fins em uma sociedade sem a composição das ferramentas para atingir os objetivos.

Ainda aproveitando a ilustração da violência doméstica no Estado, a presença da lei e a ausência dos aparelhos coercitivos levaria ao sistemático desrespeito da lei. Por exemplo, na formação de milícias organizadas por cidadãos. Que ao tentarem conter a violência, praticariam mais violência, logo, igualmente transgredindo a norma.

Contudo, é presumível que todas as sociedades possuem algum tipo de regulação e controle para buscar seus fins. Ou seja, todos objetivos das sociedades ten-

dem a ser acompanhados de instrumentos para sua execução.

Porém, são os objetivos que historicamente recebem ênfase na existência internacional. Desta forma, os procedimentos estipulados muitas vezes não possuem qualidade de integração com os objetivos propostos.

Assim, evidenciando no mínimo duas situações neste problema. Primeiro, a sociedade internacional pode não ter a exata medida do uso dos procedimentos para o alcance de seus objetivos, uma vez que sempre privilegia as metas. Em segundo lugar, a sociedade internacional não possui meios institucionalizados apropriados para conduzir o agrupamento social aos objetivos estipulados.

Diante dos dois pontos é possível suscitar a possibilidade de utilização de procedimentos técnicos inapropriados para o alcance de objetivos no cenário internacional.

Portanto, atores internacionais utilizam instrumentos inadequados para atingir seus objetivos porque as ferramentas adequadas não existem. Da mesma forma que fazem uso de instrumentos inapropriados porque simplesmente escolhem o mais eficiente mecanismo disponível para a consecução de suas metas.

Em uma simples comparação, se uma disputa internacional hipotética fosse uma partida esportiva que contemplasse duas equipas, a diferença estaria entre ganhar o jogo dentro das regras ou ganhar o jogo a qualquer custo.

A diferença entre equipas que utilizam os dispositivos apropriados ou usam qualquer mecanismo para ganhar um jogo é frequente em muitos eventos

esportivos repletos de casos de doping, corrupção e outros incidentes.

No caso da sociedade internacional, como a ênfase está nos fins, a desconexão entre objetivos e instituições permite que qualquer meio sirva para que os fins sejam alcançados.

Voltando ao exemplo esportivo, é comum que adeptos de algumas equipas se vangloriem dos jogos ganhos por sua equipa desonestamente. Uma clara ilustração de anomia nos seguidores de determinados desportos, para quem a ilegalidade é normal desde que conduza a vitória.

Da mesma forma, na sociedade internacional, abre-se caminho para que os dispositivos institucionais sejam utilizados de forma arbitrária no ambiente exterior às comunidades políticas. Ilustrações deste argumento são encontradas nas intervenções armadas praticadas pela sociedade internacional em diversos Estados soberanos no século XXI.

Neste caso, desde que sejam declarados objetivos legitimados por parte desta sociedade, as intervenções armadas possuem pouca resistência efetiva à sua execução no cenário internacional.

No mundo contemporâneo, a sociedade comumente aceita interferências de terceiros em Estados soberanos. Desde que tais interferências sirvam para atingir a democracia, o fim das armas de destruição em massa, o respeito aos direitos humanos, entre outros temas eleitos como objetivos internacionais.

Contudo, na debilidade da integração entre meios e fins, qualquer meio é apropriado para que os fins sejam obtidos. E diante da necessidade de atender metas, uma sociedade doente, anômica, legitima crueldades e ilegalidades levadas a cabo por procedimentos não apropriados para determinados fins.

Nestes casos, a urgência das metas como o respeito aos direitos humanos não permite, na perspectiva da sociedade internacional, a ponderação e a construção de meios próprios para a intervenção em cada caso.

No entanto, a natureza anômica da sociedade internacional é intrínseca a formação desta sociedade.

A existência de uma sociedade internacional, passível de questionamentos, centra-se fundamentalmente na presença de objetivos comuns entre as comunidades políticas independentes.

Em que pese a condição anômica desta sociedade explique o desrespeito aos objetivos da própria sociedade, um grau de união entre as comunidades políticas independentes existe na busca por fins compartilhados.

Entre outras finalidades, é objetivo da sociedade internacional a proteção da vida contra formatos de violência que levem os indivíduos à morte.¹¹²

Muitos atores internacionais igualmente concordam sobre a necessidade de manutenção de contratos e da garantia de que as promessas feitas sejam cumpridas.¹¹³ Igualmente, é uma meta comum no cenário internacional a estabilidade da propriedade das coisas.¹¹⁴

Portanto, a existência de uma sociedade internacional reside na comunhão de interesses entre os atores internacionais, e não no acordo sobre procedimentos.

¹¹² Hedley Bull, *A Sociedade Anárquica: um estudo da ordem na política mundial*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, 9.

¹¹³ Bull, *A Sociedade Anárquica*, 9.

¹¹⁴ Bull, *A Sociedade Anárquica*, 9.

Logo, além de obviamente secundárias, as instituições internacionais possuem dificuldade em se desenvolver devido a heterogeneidade de perspectivas dos atores internacionais e à urgência das metas da sociedade internacional.

Pois enquanto os objetivos de proteção da vida e da propriedade fizerem referência a grupos hipotéticos eles serão sempre acordados no ambiente internacional. Contudo, quando tais objetivos chocam a propriedade e a vida de duas comunidades discordantes, as instituições internacionais frequentemente se tornam fracas diante dos objetivos dos Estados.

No entanto, é o dualismo entre objetivos e procedimentos que funciona como fio aglutinador dos atores no cenário internacional. Porque são os interesses e objetivos que produzem um conjunto de regras e instituições comuns, conduzindo o agrupamento de atores internacionais à formação de uma sociedade internacional.¹¹⁵

Segue que a composição de um corpo social que extrapola as características de seus formadores atribui características singulares à sociedade internacional. Ou seja, esta sociedade passa a agir de forma autônoma à ação dos atores que compõe este agrupamento.

Particularmente, a conexão das comunidades políticas no mundo constitui um tipo de estrutura que

¹¹⁵ Partindo dos pensamentos de Hedley Bull sobre a existência de uma sociedade internacional: “Existe uma sociedade de estados (ou sociedade internacional) quando um grupo de Estados, conscientes de certos valores e interesses comuns, formam uma sociedade, no sentido de se considerarem ligados, no seu relacionamento, por um conjunto comum de regras, e participam de instituições comuns.” Bull, *A Sociedade Anárquica*, 19.

interage com a ação dos atores no cenário internacional.¹¹⁶

Desta forma, os resultados dos intercâmbios deste ambiente não dependem unicamente da vontade das comunidades políticas independentes. Estas interações são igualmente constrangidas por formas sistêmicas que atribuem um caráter próprio ao ambiente internacional.

Neste contexto, a ação dos atores internacionais é pautada tanto pelo constrangimento de uma estrutura nas preferências dos Estados, quanto pela atuação destas comunidades nas características da estrutura.¹¹⁷

Assim, estas relações dependem mutualmente das atitudes e mudanças ocorridas tanto na estrutura do ambiente internacional quando nas comunidades políticas.¹¹⁸

¹¹⁶ A ideia de uma estrutura para o cenário internacional faz aqui referência aos pensamentos do realismo estrutural ou neorrealismo. Kenneth Waltz, "Political Structures," in *Neorealism and Its Critics*, ed. Robert Keohane. Nova Iorque: Columbia University Press, 1986, 70-97. Um aprofundamento do assunto pode ser obtido em Kenneth Waltz, *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Gradiva, 2002, 141.

¹¹⁷ Waltz, "Political Structures," 96.

¹¹⁸ Para Kenneth Waltz: "Structures are defined, first, according to the principle by which a system is ordered. Systems are transformed if one ordering principle replaces another. To move from an anarchic to a hierarchic realm is move from one system to another. Structure are defined, second, by the specification of functions of differentiated units. Hierarchic systems change if functions are differently defined and allotted. For anarchic systems, the criterion of systems change derived from the second part of the definition drops out since the system is composed of like units. Structures are defined, third, by the distributions of capacities across units. Changes in this distri-

Contudo, diversos atores, para além das comunidades políticas independentes, igualmente constituem esta composição das relações internacionais.¹¹⁹ Logo, não exclusivamente pela interação das comunidades políticas independentes é que existe a estrutura no ambiente internacional.

Neste contexto, o conceito de ordem internacional consegue acomodar a percepção que temos de variáveis aparentemente excludentes dentro de um mesmo axioma conceitual.

Nomeadamente, a ordem internacional é uma justaposição de elementos discrepantes dentro de uma determinada estrutura física.¹²⁰

Neste caso, é necessário compreender que a ordem internacional contempla as diferenças e as similaridades entre as comunidades políticas e outros atores.

Segue que a guerra e a paz itinerante fazem parte da ordem internacional. Ou seja, a existência de conflitos armados e atritos de todo os tipos são compreendidos pela normalidade da ordem internacional.

Neste entendimento, cada fator historicamente ocupa o seu determinado lugar em um ambiente internacional. Tal ambiente por vezes é marcado pela esperança e pela cooperação, bem como, pelo pessi-

tribution are changes of system whether the system be an anarchic or hierarchic one. Waltz, "Political Structures," 96.

¹¹⁹ Entre outros atores, poderíamos citar as organizações internacionais, corporações transnacionais, organizações não governamentais de atuação internacional, instituições religiosas tradicionais, organizações fundamentalistas, e o indivíduo.

¹²⁰ Hedley Bull eficientemente ilustra o tema como uma citação de Santo Agostinho sobre a ordem: "uma boa disposição de elementos discrepantes, cada um deles ocupando o lugar mais apropriado." Bull, *A Sociedade Anárquica*, 8.

mismo e pelo conflito. Variando em tempo e espaço sempre em pontos intermediários entre o bom e o mau, o aceitável e o inaceitável, ou em última análise, entre um grupo de valores não contraditórios ou totalmente excludentes.

Logo, por este conceito, não há desordem em um mundo assinalado pela guerra e pelas desavenças internacionais. Embora alguns tenham tendência em perceber o conceito de ordem com significado de paz, regularidade ou algum tipo de hierarquia de fatores ou valores, nas relações internacionais o conceito é distinto.

Ordem no mundo é o arranjo dos atores dentro de uma estrutura que é constrangida e constrange estes atores. Ou colocado de outra forma, ordem é a acomodação dos elementos tangíveis e intangíveis do cenário internacional de modo a dispor estes elementos de uma maneira possível e não ideal dentro do limitado espaço internacional.

De tal modo, existe uma ordem internacional,¹²¹ que descreve a existência do ambiente formado além das comunidades políticas independentes.

Tal ordem existe em um enredamento que pode ser descrito como uma síntese de valores e verdades que contempla uma amplitude que se inicia no mais egoísta dos gestos humanos e se estende ao mais altruísta destes.

Assim, a ordem internacional explica o cenário internacional como uma série de comunidades políti-

¹²¹ Para Hedley Bull, "ordem internacional [é] um padrão de atividade que sustenta os objetivos elementares ou primários da sociedade dos estados, ou sociedade internacional." Bull, *A Sociedade Anárquica*, 13.

cas independentes que aumentam e diminuem suas dimensões e complexidade fazendo uso de inúmeros mecanismos para tanto.

Comunidades estas que alteram suas características no tempo e no espaço. Contudo, não conseguem extrapolar determinadas fronteiras auto impostas pela sociedade internacional infectada pela anomia.

Pois a anomia da ordem impõe a este agrupamento a impossibilidade do desenvolvimento social dentro das regras estipuladas pela própria sociedade internacional. Imprimindo um sentido de recorrência ou existência pendular aos atores internacionais no tempo e no espaço.

Representações da realidade nas Relações Internacionais

A condição anômica da sociedade internacional tem historicamente constrangido a existência internacional a extremos caracterizados pela total comunhão de valores ou discordância destes.

De tal forma, o tempo e o espaço variam entre existências mais pacíficas ou aguerridas, contratuais ou anárquicas, habituais ou moralmente solidárias.

Em que pese qualquer forma de generalização seja de partida artificial,¹²² a existência internacional pode ser melhor entendida desde a caracterização de três distintos padrões.¹²³

¹²² Para Martin Wight, estas generalizações que compõe representações das relações internacionais podem “ser descrita[s] como um tipo de abstração, de conveniência mental, consequentemente, um conceito irreal,” Martin Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory: Machiavelli, Grotius, Kant, and Mazzini*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005, 3.

¹²³ Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 143-144.

Tal perspectiva consegue abarcar uma descrição plural das diferenças que compõe as relações entre os atores no ambiente internacional. E igualmente, reflete diversos níveis da consciência humana nas relações internacionais, em última análise, enquanto operadora destas relações.

A capacidade do homem em mostrar solidariedade e indiferença, ou tratar os outros como amigos ou inimigos, são exemplos desta complexidade de comportamentos refletida nas relações entre os atores internacionais.¹²⁴

Desta forma, são componentes destas relações: a anarquia internacional, ou a multiplicidade de comunidades políticas independentes que exercem sua soberania no cenário internacional sem reconhecer nenhuma comunidade política superior a elas.¹²⁵

As relações habituais no cenário internacional, exemplificadas pelas instituições, o direito internacional, o comércio entre as nações, entre outras.¹²⁶

E, por fim, a solidariedade moral, ou um tipo de comunhão entre os atores internacionais, mais profunda que a política e a economia, podendo ser descrita pelos fatores psicológicos e culturais que estabelecem um conceito de humanidade.¹²⁷

Partindo das inclinações das pessoas em atribuir importância a um destes fatores em especial em detrimentos aos outros, é possível estabelecer alguns padrões de comportamentos no ambiente internacional.

¹²⁴ Tim Dunne, *Inventing International Society: A History of the English School*. Londres: Macmillan Press, 1998, 62.

¹²⁵ Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 143-144.

¹²⁶ Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 143-144.

¹²⁷ Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 143-144.

Assim, um padrão Realista questiona a existência de uma sociedade formada pelos diversos atores internacionais. Ou posto de outra forma, trabalha com a hipótese da existência de um estado de natureza no cenário internacional onde todos estão contra todos.¹²⁸

Esta situação caracterizada pela tendência à guerra e o conflito entre os Estados¹²⁹ não pode ser caracterizada pelo eficiente cumprimento de contratos entre os atores internacionais. Não pela perspectiva da inexistência de tais contratos e de instituições que gerenciam tais situações. Entretanto, porque elementos anteriores ao estabelecimento destes acordos descharacterizam as relações habituais ou contratuais como majoritárias nas relações internacionais.

É a natureza má dos homens, ou o elemento humano na execução da política,¹³⁰ que impede que aquilo que foi acordado seja sempre cumprido na sociedade internacional.

Desta forma, as comunidades políticas no cenário internacional existem em anarquia dentro de um mesmo ambiente, uma vez que os Estados não reconhecem outros poderes como superiores a si mesmos.

¹²⁸ Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 144.

¹²⁹ Bull, *A Sociedade Anárquica*, 51.

¹³⁰ Martin Wight pontua Maquiavel, enquanto Hedley Bull aprofunda a questão desde a perspectiva de Hobbes para descrever a atitude egoísta dos homens. Discorrendo sobre a problemática da melhor opção entre ser amado ou temido, Maquiavel coloca uma pertinente descrição dos homens a este primeiro padrão de pensamento: “pode se dizer dos homens, de modo geral, que são ingratos, volúveis, dissimulados; procuram se esquivar do perigo e são gananciosos.” Maquiavel, *O Príncipe*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003, 102. Trecho igualmente comentado por Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 7.

Um segundo padrão é o Racionalismo nas Relações Internacionais. O Racionalismo é designado pelo intercâmbio regulado entre os atores internacionais.¹³¹ Particularmente, é caracterizado pelo contrato social pré-existente na pluralidade de comunidades políticas no espaço internacional.

Pois mesmo aceitando uma natureza má dos homens na política internacional, as comunidades políticas não existem em um perpétuo estado de guerra. Pelo contrário, as comunidades políticas independentes têm entrado em conflito na história em períodos específicos desde a interação com outros atores a respeito de assuntos particulares.

Segue que existe uma sociedade formada por diferentes comunidades políticas com existência definida por características próprias de uma sociedade internacional. Ou seja, existe uma sociedade internacional que possui atributos que não podem ser entendidos em comparação com as sociedades domésticas.

Resumidamente, esta sociedade internacional constituída pela existência de acordos habituais entre os atores internacionais precisa ser entendida menos pelo governo da força e mais pela prática do costume.

¹³²

Pois as relações internacionais não são nem um grande conflito de objetivos entre as comunidades políticas nem uma absoluta comunhão de interesses

¹³¹ Na perspectiva exclusiva do Estado proposta por Hedley Bull, o Racionalismo é descrito pela “cooperação e o intercâmbio regulado entre os Estados.” Bull, *A Sociedade Anárquica*, 51.

¹³² Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 147.

entre os Estados.¹³³ Neste caso, ilustra o argumento o comércio ou o forte intercâmbio econômico e social na história do ambiente internacional.¹³⁴

Por fim, um padrão Revolucionário coloca a ênfase da existência das relações internacionais no desenvolvimento da política internacional no tempo. Ou particularmente, na perspectiva de que os atuais arranjos da sociedade internacional não são perfeitos, e desta forma, precisam ser melhorados.¹³⁵

Duas premissas que extrapolam a natureza comunitária da existência humana¹³⁶ abarcam a definição deste padrão Revolucionário nas Relações Internacionais. Primeiramente, o impulso dos indivíduos em erradicar o sofrimento em suas vidas. Logo, ao analisar a condição dos indivíduos em comunidades políticas sempre será dever destes aprimorar esta situação para uma condição melhor.

E, em segundo lugar, a crença de que o curso normal dos eventos tende sempre a operar as mudanças desejadas pelos indivíduos, melhorando suas existências.¹³⁷ Portanto, partindo de discursos morais nas relações internacionais, a humanidade estaria desen-

¹³³ Para Hedley Bull, a “política internacional não expressa um completo conflito de interesse entre os Estados nem uma absoluta identidade de interesses.” Bull, *A Sociedade Anárquica*, 35.

¹³⁴ Bull, *A Sociedade Anárquica*, 35.

¹³⁵ Sobre o estudo dos tipos de teoria internacional propostos por Kant, Martin Wight escreve: “there is the revolutionary presumption [...] that the present political state is not perfect and ought to be improved.” Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 71.

¹³⁶ Martin Wight, ao pontuar tais premissas utiliza a expressão “natureza religiosa” para estes princípios. Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 148.

¹³⁷ Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 148.

volvendo suas relações rumo à construção de uma sociedade mundial.¹³⁸ Uma sociedade pautada pela concordância universal sobre algumas premissas entre todos os homens no espaço internacional.¹³⁹

Logo, estes princípios morais não sustentariam a coexistência das diversas comunidades políticas em um cenário internacional. Porém em contrapartida, pregariam a substituição das características deste cenário por uma sociedade cosmopolita.¹⁴⁰

Assim, investigadas algumas alterações na política internacional é possível que o cenário internacional esteja ordenado no tempo e no espaço desde a justaposição destes três diferentes padrões.¹⁴¹

¹³⁸ Bull, *A Sociedade Anárquica*, 34.

¹³⁹ Na proposta de uma Paz Perpetua de Kant é demandada uma uniformidade cosmopolita, onde a existência ideal das comunidades políticas seria pautada pelo republicanismo. Uma expressão mais radical é proposta por Dant, nos comentários de Martin Wight sobre uma tradição Revolucionária nas Relações Internacionais: “1. Mankind is a unity, unided by the faculty of reason, capable of pursuing the same ends through the same channels – humanity; 2. Mankind can only fulfill itself under a single government.” Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 152.

¹⁴⁰ Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory*, 152.

¹⁴¹ Os diferentes padrões expostos sobre as relações internacionais podem ser também entendidos pela perspectiva de tipos ideias weberianos. Max Weber, na obra *Metodologia das Ciências Sociais*, faz uso de um paralelo da investigação nas Ciências Sociais com os estudos na área da Teoria Econômica Abstrata buscando explicar a função da construção de tipos ideais. Para Weber, os ideais construídos por um quadro de pensamentos sobre determinadas relações e acontecimentos da vida histórica, assim, edificando um ambiente conceitual não contraditório de relações pensadas, são, pelo seu conteúdo, uma utopia obtida desde a acentuação de alguns elementos da realidade. Tal paradigma utópico pode vir a funcionar como uma espécie

Nomeadamente, a anarquia internacional Realista, as convenções e contratos habituais Racionalistas, e a solidariedade moral Revolucionária.¹⁴²

A história das relações internacionais tem assim variado em diferentes épocas e em diferentes regiões suas características dando ênfase a cada um destes três padrões em cada momento. E é o conjunto destas características, e não um ou outro elemento em separado, que representa a ordem nas relações internacionais.

Logo, é possível definir tempos e regiões do mundo majoritariamente caracterizadas pelo Realismo. Em que pese a existência dos outros dois elementos, o Médio Oriente ou a fronteira da Europa ocidental com a Rússia figuram como exemplos de um sistema internacional nos últimos anos. Uma vez que, insistentemente, estas duas regiões demonstram uma

de referencial, o qual pode conseguir tornar compreensível a natureza particular das relações que ocorrem na realidade mediante a comparação destas com um tipo ideal. “No que diz respeito a investigação, o conceito de tipo ideal propõe-se a formar o juízo de atribuição. Não é uma ‘hipótese’, mas pretende apontar o caminho para a formação de hipóteses. Embora não constitua uma exposição da realidade, pretende conferir a ela meios expressivos unívocos.” Max Weber, *Metodologia das Ciências Sociais – Parte I*. São Paulo: Cortez Editora, 2001, 137.

¹⁴² A ideia apresentada sobre uma tríade nas Relações Internacionais tem origem nos pensamentos de Martin Wight e é desenvolvida por outros autores na Escola Inglesa das Relações Internacionais. O termo Escola Inglesa foi inicialmente proposto por Roy Jones em 1981. Jones apontou este conjunto de ideias das Relações Internacionais como uma escola de pensamento distinta das demais, à qual optou por chamar de Escola Inglesa. Andrew Linklater e Hidemi Suganami, *The English School of International Relations: a contemporary reassessment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, 20.

tentativa de evasão de alguns dos objetivos da sociedade internacional no período.

Já as relações entre as grandes potências no início do século XXI parecem ser explicadas por uma corrente Racionalista. Embora os grandes Estados existam dentro de uma realidade anárquica, os hábitos construídos na história permitem que estas comunidades políticas se tratem mutuamente desde bases contratuais. Há mais de meio século que o conflito direto entre os maiores Estados do mundo é uma variável pouco provável nas relações internacionais.

Da mesma forma, os Estados da Europa ocidental contemporânea parecem apresentar um caso de solidariedade moral que pode vir a julgar legítima a igualdade entre os homens deste continente. Apesar dos avanços e reveses da integração das comunidades políticas da região, um paradigma Revolucionário conseguiria ilustrar parte da realidade europeia.

Contudo, esta realidade é por natureza particular e temporária. Da mesma forma que a existência do Médio Oriente e do concerto das grandes potências também é.

Segue que a sociedade internacional é composta pela existência destas três características em conjunto. E assim, o Racionalismo sempre cederá lugar ao Realismo ou a uma realidade Revolucionária. Do mesmo modo que o desenvolvimento eterno de uma perspectiva Revolucionária é impossível.

Tais limites do desenvolvimento da sociedade internacional são estrangidos pela natureza anômica do espaço internacional. Pois a realidade Revolucionária de alguns espaços e tempos é imediatamente intransponível para outros lugares.

Contudo, a sociedade formada pelos atores internacionais tenta logicamente impor tal transposição

como meta. E na oculta impossibilidade de alcance dos objetivos propostos, bem como diante da urgência destes, não encontra meios para o desenvolvimento de procedimentos e instituições que suportem tais imperativos sociais.

Assim, diante do descompasso entre fins e meios, com a ênfase nos resultados, a situação anômica se instala. Conduzindo a sociedade internacional a sua eterna condição de recorrência. Ou seja, uma existência amarrada pelas urgentes e impraticáveis intenções dos atores internacionais.

A abordagem histórica da ordem internacional

A condição anômica da sociedade internacional tem imposto um sentido de repetição a existência das comunidades políticas independentes.

De tal forma, é razoável conjecturar que a história apresenta padrões de comportamento que podem auxiliar no entendimento da política internacional. Pois se a história não demonstra similaridades estruturais com outros períodos desta mesma existência, o estudo das relações internacionais não apontaria nada mais do que fatos.¹⁴³

¹⁴³ A apresentação da perspectiva de Hedley Bull sobre da teorização nas Relações Internacionais complementa esta abordagem: "the approach to theorizing that derives from philosophy, history, and law, and that is characterized above all by explicit reliance upon the exercise of judgment and by the assumptions that if we confine ourselves to strict standards of verification and proof there is very little of significance that can be said about international relations that general propositions about this subject must therefore derive from a scientifically imperfect process of perception or intuition, and that these general propositions cannot be accorded anything more than the tentative and inconclusive status appropriate to their doubtful

Assim, existe a hipótese de que a análise da história poderia assinalar grande similaridade na caracterização do cenário internacional. Logo, independentemente do tipo de formação doméstica que as comunidades políticas apresentaram na história, elas possivelmente formaram um cenário internacional explicado por um grupo semelhante de variáveis no tempo.

O argumento recebe força se conjecturarmos sobre a caracterização da existência humana em uma situação diferente do arranjo entre comunidades políticas como existiu na história.

Assim, em que pese a não existência de uma “para-existência,” as sucessivas caracterizações políticas das comunidades na história apresentaram diferentes formações culturais que resultaram no atual espaço internacional. Particularmente, é a heterogeneidade das formações humanas em comunidades no mundo que alimenta a hipótese de que distintos agrupamentos políticos sempre reclamaram igualdade de status na história.

Assim, mesmo diante das diferenças de complexidade no tempo, estes atores podem ser caracterizados como agentes que concretizaram relações internacionais nos mais variados períodos da história. Pois se o argumento é falso, seria razoável supor a existência de uma comunidade política homogênea em toda a história, e não o constante estágio de justaposição das diferenças nas relações internacionais.

Logo, existem similaridades nas relações entre as comunidades independentes na história dentro do

origin.” Hedley Bull, “International Theory: The Case for a Classical Approach,” *World Politics* 18, no 3, 1966, 361.

ambiente internacional.¹⁴⁴ E se existe significado na diferenciação das caracterizações de ordem no tempo, esta é relativa somente à durabilidade espacial e temporal desta simbolização para atores particulares. Figurando a ordem internacional como uma constante aglutinadora destas diferentes percepções na história.

Neste entendimento, as relações internacionais independem da forma, caracterização ou do exercício do poder doméstico das comunidades políticas no tempo.¹⁴⁵ Logo, refutando definições que acentuam a análise do efetivo exercício do poder doméstico das comunidades políticas na história. E dando atenção às relações destas comunidades com outras comunidades que reivindicavam independência em um mesmo sistema.

Segue que a história pode apontar severas similaridades de comportamento entre os atores em um cenário internacional dentro deste pressuposto.

As comunidades políticas tendem a demarcar seus próprios limites em um ambiente internacional independentemente das particularidades de sua formação política interna. Ou seja, pelo fato de reclamarem independência em relação a outras comunidades,

¹⁴⁴ Inicialmente, Martin Wight inicia o trabalho de questionamento e comparação entre diversas comunidades políticas da história com o objetivo de construir um entendimento sobre as similaridades e diferenças entre tais agrupamentos, contudo, a morte relativamente prematura de tal pensador deixa para Adam Watson a tarefa de conclusão deste trabalho. Entre outros estudos: Martin Wight, *Systems of States*. Bristol: Leicester University Press, 1977; Adam Watson, *A Evolução da Sociedade Internacional: uma análise histórica comparada*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004; e ainda, Adam Watson, "Systems of States." *Review of International Studies* 16, 1990, 99-109.

¹⁴⁵ Adam Watson. *A Evolução da Sociedade Internacional*, 14.

igualmente independentes em seu entorno, as comunidades construíram a diferenciação entre os povos na história humana. Logo, resultando na heterogeneidade de comunidades do mundo durante toda a existência conhecida.

Também é possível conjecturar que a composição do cenário internacional esteve sempre em algum ponto de um espectro que varia entre dois extremos. Nomeadamente, a completa independência entre as comunidades políticas ou um império absoluto.¹⁴⁶

Assim, as comunidades existem na história em algum lugar entre a completa autonomia ou onde a associação delas gerou outro extremo como um império.

É presumível que em toda a história conhecida do mundo o cenário internacional pode ter compreendido ordenamentos semelhantes aos dos Estados contemporâneos. Desta forma, sempre em alguma posição intermediária entre estes dois extremos.¹⁴⁷

Isso significa que poderíamos apontar as recentes mudanças no cenário internacional após 1989, por exemplo, como adequações de um sistema específico dentro de uma linha temporal.

Segue que na história recente algumas comunidades se dividiram enquanto outras se conectaram. No entanto, sempre variaram entre alguma posição intermediária dentro de um espectro limitado pela independência e pelo total imperialismo.

O argumento também explica a evolução da comunidade política contemporânea como conhecemos: o Estado. As atuais comunidades políticas tem seus contornos consolidados pela Revolução Francesa e pela Revolução Norte-Americana. Igualmente, modi-

¹⁴⁶ Adam Watson. *A Evolução da Sociedade Internacional*, 28.

¹⁴⁷ Adam Watson, *A Evolução da Sociedade Internacional*, 28.

ficam-se conceitualmente em dois outros períodos na nossa história recente. Nomeadamente ao final da II Guerra Mundial, com o processo de descolonização, e no período posterior a desconstrução do antigo Império Soviético, já próximo ao século XXI.

Nestes contextos os Estados alteraram suas características, tornando-se mais complexos e maiores em alguns casos, e fragmentados e simplificados em outros. A composição interna igualmente sofreu modificações nesta linha temporal. Entre outros arranjos, as comunidades políticas foram caracterizadas pelo domínio de um soberano que concedeu participação limitada no exercício de seu governo.

No entanto, modificaram-se rumo a alteração de uma soberania monárquica para uma soberania popular. Desta forma, concebendo a comunidade política independente como uma ordem política estabelecida pela vontade do povo.

Não obstante, os processos de integração regional contemporâneos igualmente ilustram o argumento. As integrações regionais como a criação da União Europeia exemplificam esta perspectiva.

Nesta abordagem as comunidades politicamente independentes hoje se aglutinam sob uma mesma bandeira. Certamente até o ponto em que novamente modificarão suas relações, talvez distancian-do seus objetivos comuns. Entretanto, ainda dentro de uma amplitude de extremos configurados como total dependência ou independência entre estas comunidades políticas.

Neste contexto é possível destacar três distintos sistemas existências na história das relações internacionais. Designadamente, o moderno sistema de Estados Ocidental ao qual estamos inseridos. Em segundo lugar o sistema clássico Helenístico ou Greco-Romano. E

por fim, um sistema Chinês compreendido entre o colapso da dinastia Chou Ocidental e o estabelecimento dos chamados Três Reinos na China no ano 221.¹⁴⁸

Nesta abordagem, igualmente, as unidades que formam estes sistemas possuem a característica de não admitir uma autoridade como superior a si mesmas. Também, estes agrupamentos reconhecem o mesmo sentido de existência independente das outras comunidades semelhantes em sua linha temporal. Ou dito de outra forma, existiram naquilo que denominamos como igualdade legal entre os Estados contemporâneos, ou na história, foram caracterizados pela equidade das antigas cidades gregas ou dos reinos helênicos.¹⁴⁹

Desta forma, em que pese algumas diferenças de caracterização, todos os sistemas descritos foram reclamantes de uma soberania que não reconhecia outras como superiores.¹⁵⁰

Contudo, a descrição do sistema Chinês aponta importantes diferenças diante de seus pares helênico ou contemporâneo. A realidade Chinesa do período compreendido entre 771 a.C. e 221 d.C. pode ser descrita pela relação permanente de um grupo de comunidades políticas sob a preponderância de uma comunidade sobre as demais.¹⁵¹

Este sistema de Estados suserano legitimou um determinado tipo de autoridade de uma comunidade

¹⁴⁸ No primeiro capítulo da obra *Systems of States* intitulado *De systematibus civitatum*, Martin Wight apresenta suas ideias sobre o conceito de Sistema Internacional e a composição dos três sistemas descritos. Wight. *Systems of States*, 21-22.

¹⁴⁹ Wight. *Systems of States*, 23.

¹⁵⁰ Wight. *Systems of States*, 23.

¹⁵¹ Wight. *Systems of States*, 23.

específica em detrimento às outras. Contudo, ratifica o argumento da similaridade do cenário internacional no tempo porque o restante das comunidades políticas do sistema mantivera relações semelhantes entre si.

Igualmente, períodos do Império Bizantino ou Império Romano do Oriente, bem como, o governo britânico na Índia no século XX, assinalam a existência de uma comunidade central em um sistema. Desta forma, ratificando as diferenças dos sistemas suseranos entre outros sistemas internacionais.¹⁵²

As principais diferenças entre os sistemas internacionais e o sistema suserano residem em uma balança de poderes entre as comunidades políticas no primeiro caso, e no imperialismo deste sistema internacional do segundo tipo.¹⁵³

Igualmente, uma diferenciação histórica dos sistemas internacionais pode ser verificada na Idade Média. A análise do período torna latente o questionamento sobre a existência de um sistema internacional com as mesmas características dos outros sistemas.

¹⁵⁴

¹⁵² Wight. *Systems of States*, 23.

¹⁵³ Martin Wight em sua definição de sistemas internacionais ainda pontua uma série de outros períodos da história, evidenciando a existência concomitante de um Império Romano e um Império Persa em uma disputa por vezes interrompida entre sistemas que, contudo, subjugaram “bárbaros” e outras nações rivais em sua história. O povo babilônico, egípcio e o hitita igualmente compuseram um sistema internacional na segunda metade do segundo milênio antes de Cristo, situação onde uma balança de poderes era centralizada entre Babilônia e Creta. Wight. *Systems of States*, 24-25.

¹⁵⁴ Na obra *Systems of States*, Martin Wight utiliza o trabalho de Desmond Williams intitulado *The International States System in the Middle Ages* como base para o argumento que constrói as di-

Isso se deve a existência de uma unidade cristã verificada no período. Onde o conceito de direito pode ter prevalecido sobre o do interesse dos agentes desta sociedade, apontado diferenças do período medieval para o contemporâneo.¹⁵⁵

Do mesmo modo, uma distribuição de poder relativamente equitativa neste ambiente, caracterizado por uma monarquia papal, marca a Idade Média como um período de transição entre as características do Império Romano e a realidade contemporânea. Assim, a caracterização de um sistema de Estados neste período tende a ser distinguida das demais como um complexo sistema dualista ou um duplo sistema de Estados suseranos.¹⁵⁶

No entanto, as similaridades nas relações internacionais ou a heterogeneidade das comunidades políticas no tempo pode ser verificada. Porque mesmo

ferenças do conceito de sistema internacional diante da realidade da Idade Média. Wight. *Systems of States*, 26.

¹⁵⁵ Wight. *Systems of States*, 26-27.

¹⁵⁶ Na perspectiva de repetição e adaptação de características do passado ao presente, Martin Wight aponta diferenças do período citando elementos verificados no Império Romano que merecem destaque: "The protection of legates; safe conduct of ambassadors; secrecy in diplomatic negotiations; insistence on the adherence to treaties made between secular rulers; condemnation of treaty violations; papal annulment and rescission of treaties and compacts; fixation of treaty conditions; excommunication and deposition of rulers; orders for the release of prisoners, for their humane treatment and that of hostages; protection of exiles, aliens and Jews; condemnation 'unjust' wars and piracy; confirmation of peace treaties; orders for the free passage of troops engaged in a 'just' campaign; orders to rulers to enter into alliances; ascription of occupied territories to a victorious belligerent party, and so forth." Wight. *Systems of States*, 28-29.

diante da caracterização de sistemas suseranos, ou da ausência de um sistema de Estados no período medieval, os diferentes agrupamentos humanos construíram lógicas semelhantes de interação internacional.

Estas interações, se entendidas de forma desvinculada do poder doméstico das comunidades políticas, ratificam a similaridade de comportamento entre os antecessores do atual Estado contemporâneo.

Porque, existindo uma interação relativamente permanente entre as comunidades políticas, algumas ferramentas foram logicamente construídas para o convívio entre elas. Se não por outras motivações, exclusivamente pela necessidade da existência conjunta de comunidades distintas.

Assim, a interação internacional na história é composta por mensageiros, como embaixadores e espiões. Caracterizada pelas conferências entre as comunidades, as quais por vezes derivaram em instituições internacionais formais. Bem como, são assinaladas pela definição de uma linguagem internacional, que já foi o Latim, o Francês e então o Inglês.¹⁵⁷

Além disso, o comércio entre as comunidades políticas é uma interação que ultrapassou os limites impostos pela diplomacia em alguns casos na história.¹⁵⁸ Logo, um tipo de unidade cultural entre as partes que definem um sistema de Estados pode ser verificado em todos os sistemas diferenciados até aqui.

¹⁵⁷ Wight. *Systems of States*, 30-33.

¹⁵⁸ Ao abordar as funções do comércio na interação entre as comunidades políticas na história uma questão surge na abordagem de Martin Wight sobre as relações internacionais no tempo: “is it true of most states-systems that economic interdependence precedes diplomatic organization?” Wight. *Systems of States*, 33.

De tal modo, a potencialidade de elementos unificadores da solidariedade internacional pode ser encontrada nas relações internacionais no tempo.¹⁵⁹

Em suma, se na história os governantes de um território exerceram tal prerrogativa em regiões exemplificadas como as cidades-estados gregas, os reinos helênicos ou o sistema romano, eles executaram relações internacionais. Pois desde que tenha existido um grupo de comunidades com relações permanentes umas com as outras, estas sociedades compuseram um cenário além das suas próprias comunidades políticas independentes.

Assim, caracterizando um ambiente internacional semelhante ao moderno espaço internacional contemporâneo, distinguido pela existência de uma sociedade internacional.

Esta perspectiva evidencia na histórica das relações internacionais as similaridades do cenário internacional no tempo. Ratificando a incapacidade de desenvolvimento contínuo do ambiente internacional que invariavelmente se repete na história.

¹⁵⁹ Uma unidade cultural entre as comunidades políticas poderia ser verificada na evolução da solidariedade de alguns atores em torno de uma moralidade comum, ou um código comum que faz com que as partes concordem com algumas regras a respeito do bem-estar das populações envolvidas, ou ainda, em torno de ferramentas necessárias para a interação dos Estados, como a imunidade diplomática, entre outros. Uma ressalva importante é edificada neste conceito: na diferenciação entre uma unidade cultural entre interno e externo, é possível que exista uma grande diferença no sistema moderno em relação aos anteriores pela ausência de uma cultura externa a combater neste sistema, por exemplo, quando concordamos em torno de alguns dos fatores acima citados. Wight. *Systems of States*, 33-34.

Desde modo, sugerindo uma variável comum em todos os tempos capaz de proporcionar repetição e não desenvolvimento contínuo nas relações internacionais. Logo, é presumível que a definição de objetivos pelos diferentes sistemas internacionais não encontrou meios para o seu desenvolvimento. Ou em contrapartida, foi contida pelo desenvolvimento de outro sistema externo até que este igualmente não encontrou formas de se desenvolver. Desta forma, construindo a heterogeneidade do ambiente internacional, hoje passível de ser caracterizado como uma sociedade internacional.

No entanto, este sistema¹⁶⁰ ainda define objetivos afastados dos elementos capazes de impulsionar o alcance de suas metas. Neste caso, apontado a normalidade do comportamento patológico da ordem internacional no presente em consonância com a história.

Argumentos sobre a inexistência de uma anomia da ordem

O debate entre a repetição ou o desenvolvimento das relações internacionais tem marcado o entendimento da ordem internacional na história. Pois enquanto algumas visões de mundo entendem a impossibilidade de expansão do equilíbrio internacional, outras buscam provar a naturalidade desta possibilidade.

¹⁶⁰ Uma diferenciação entre sistema internacional, sociedade internacional e sociedade mundial é pertinente neste estágio do trabalho. Simplificadamente, podemos chamar de sistema internacional diferentes agrupamentos de comunidades políticas caracterizados por representações Realistas de sua existência. Assim, nomeamos sociedade internacional casos explicados por representações Racionalistas, bem como, sociedade mundial a existência caracterizada por uma representação Revolucionária da realidade.

Contudo, todas representações teóricas possuem uma variável de trabalho comum: o cenário internacional. Desta forma, embora a ênfase na paz e na guerra ou no racionalismo e no reflexivismo seja relativa, todas conjecturas precisam teorizar sobre a mesma matéria prima.

Logo, é possível que o conjunto das diferentes visões que compõe as relações internacionais seja distinto apenas em perspectiva. Ou seja, as visões da ordem privilegiam perspectivas distintas do espaço internacional em suas abordagens. No entanto, ainda possuem bastante similaridade em vários aspectos descritivos de suas definições da realidade.

Neste contexto, em que pese a anarquia ou mesmo a heteronomia¹⁶¹ nas relações internacionais sejam largamente discutidas, o mesmo não acontece com a anomia.

Logo, enquanto a anarquia existe no cenário internacional é possível conjecturar que é falsa a perspectiva anômica da ordem internacional. Isso se deve a relatividade das explicações das características da or-

¹⁶¹ O conceito de heteronomia nas relações internacionais proposto por Nicholas Onuf trabalha a perspectiva de que os agentes nas relações internacionais não agem de forma autônoma no espaço internacional. Uma vontade autônoma dos atores internacionais estaria amparada somente pela inclusão de todas as possibilidades de escolhas. Assim, uma vontade baseada em uma situação que não abarque a inclusão de toda a universalidade das máximas ao qual tal vontade exprime preferência, não seria autônoma, e sim, estaria pautada pela heteronomia. Para um aprofundamento no assunto ver Nicholas Onuf, *World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations*. Columbia: University of South Carolina Press, 1989, 209-213; e Immanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2002, 86.

dem, pautadas pelas percepções que os indivíduos possuem desta ordem. Ou dito de outra forma, para muitos indivíduos a anomia da ordem não existe em suas perspectivas. Pois um conceito explicativo sobre aquilo que existe, existe na medida que os indivíduos experimentam a existência deste conceito. Os julgamentos sobre a realidade internacional se tornam verdadeiros quando os homens julgam existir esses conceitos ou desejam que existam.

Não há dúvidas, no entanto, que ocorre um descompasso no cenário internacional entre a definição de objetivos para a sociedade internacional e a institucionalização de meios para o alcance destes fins. Igualmente, é verdadeiro que o espaço internacional privilegia objetivos que não possuem meios para serem alcançados. E também é certo que o choque entre comunidades políticas atribui urgência à consecução de objetivos. Desta forma, permitindo que qualquer meio disponível seja utilizado para o alcance dos imperiosos fins da sociedade.

Assim, enquanto é possível verificar a veracidade destes fatos, provavelmente seja difícil aceitar a causa destes episódios. Ou seja, ainda que a ordem seja inegavelmente anômica, ela não será aos olhos da sociedade internacional até que esta sociedade assim o entenda.

Pois a sociedade internacional operada e explicada por indivíduos só pode existir desde o pensamento de seus operadores.

Estes indivíduos formadores deste grupo social participam de um pensamento anteriormente existente a suas realidades.

Segue que a existência dos indivíduos na sociedade internacional apenas adiciona axiomas ao que os homens já pensaram no passado.¹⁶² Pois os indivíduos existem dentro de uma situação herdada, reelaborando o que vivem ou substituindo realidades por outras mais apropriadas a sua existência.¹⁶³ E com o objetivo de lidar mais adequadamente com as realidades que se apresentam no tempo presente, os atores internacionais se moldam ao que o passado construiu.

Todavia, este inconsciente herdado é um elemento que pressiona a sociedade a refletir sobre os fatores que edificam o mundo. Essa herança conceitual provoca a necessidade de reflexão sobre o próprio pensamento que os indivíduos têm sobre sua existência no cenário internacional.

Nesta perspectiva, o juízo sobre qualquer evento tende a ser seriamente constrangido pela agregação de pensamento que o indivíduo faz a uma massa de juízos herdados. Logo, diferentes atores possuem diferentes visões sobre os mesmos fatos, dependendo de suas interpretações destes pensamentos do passado.

Por outro lado, é igualmente certo que os eventos do cenário internacional acabam por construir agrupamentos organizados para análise destes acontecimentos. Neste caso, apontando determinado mono-

¹⁶² Um importante ponto de sustentação desta perspectiva das relações internacionais advém da Sociologia do Conhecimento. Nesta lógica, ergue-se a conjectura de que não existem formas de pensamento que possam ser compreendidas separadamente de suas origens sociais, desde modo, levando em consideração o contexto histórico e social de onde gradativamente o pensamento individual é diferenciado. Karl Mannheim, *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, 30.

¹⁶³ Mannheim, *Ideologia e Utopia*, 31.

pólio sobre o direito de entender ou descrever a realidade internacional.

No caso da anomia, a patologia da ordem pode ser encarada por grupos legitimados como detentores do direito de descrever a realidade internacional como falsa.

Logicamente que a falsidade dos acontecimentos no espaço internacional não é verdadeira, pois a anomia da ordem pode ser verificada em fatos. Contudo, o conceito definido para caracterizar a anomia da ordem pode ser rejeitado pelo grupo que detém o direito de atribuir valor verdadeiro ou falso aos conceitos que caracterizam a ordem internacional.

Isso se deve principalmente a conexão entre os meios que conduziram este trabalho no estudo da ordem e a descrição de uma anomia da ordem internacional. Curiosamente, por um evento contrário aos elementos que tornam anômica a ordem, a ordem pode não vir a ser declarada anômica pelos agrupamentos que tem o poder de legitimar este conceito.

Porque no cenário internacional são os objetivos que são privilegiados em detrimentos aos meios. Enquanto que, na construção de conhecimentos sobre o espaço internacional, muitas vezes são os meios que são privilegiados em detrimento aos objetivos. Ou seja, a ciência que goza da prerrogativa de definir o espaço internacional algumas vezes padece de uma anomia por causas contrárias a do cenário internacional.

É uma anomia porque os fins são impedidos de acontecer devido a um descompasso entre os objetivos e as ferramentas de regulação e controlo destes objetivos. Porém, é às avessas, porque no trabalho científico os objetivos muitas vezes cedem lugar aos procedimentos técnicos, que ganham mais importância que os fins que os criaram. Pois enquanto o cenário interna-

cional é anômico porque estabelece fins que não possuem meios apropriados para sua execução, o processo epistemológico institucionalizado é anômico porque vive de rituais e não de objetivos.

É a ênfase nos procedimentos e não nos fins de uma investigação que tem engeguido muitos dos indivíduos operadores destes procedimentos em algumas áreas de conhecimento. Da mesma forma que a construção destas percepções da realidade por grupos da sociedade tem criado tipos de dogmatismo como coerção aos modos de pensamentos válidos. Ratificando a questão da construção de um pensamento específico de um grupo como válido para mais de um agrupamento social.¹⁶⁴

Pois os interesses dos analistas que constroem o entendimento das relações internacionais podem estar deslocados dos objetivos principais destas análises. Se não por outros motivos, por uma contaminação do analista inserido dentro da própria sociedade analisada. Incluindo neste caso uma gama de motivações que varia de um apaixonado interesse pela difusão da ciência, até um profundo desejo de fama pessoal.¹⁶⁵

Portanto, alguns elementos cognitivos no cenário internacional também influem na construção da

¹⁶⁴ Ao fazer referência a um paralelo do assunto aqui abordado, Karl Mannheim salienta que “este grupo intelectual, organizado como castas e monopolizando o direito de pregar, ensinar e interpretar o mundo, está condicionado pela ação de dois fatores sociais. Tanto mais ele se torna o interprete de uma coletividade globalmente organizada, tanto mais seu pensamento tende a um “escolasticismo.” E “a segunda característica deste tipo monopolístico de pensamento reside em seu relativo afastamento dos conflitos manifestos da vida cotidiana, [...] é acadêmico e sem vida.” Mannheim, *Ideologia e Utopia*, 39.

¹⁶⁵ Merton, *Social Theory and Social Structure*, 599-600.

realidade nas relações internacionais. Pois as perspectivas existentes sobre a realidade podem estar relacionadas com a incapacidade dos indivíduos de apontar certos comportamentos em uma determinada realidade. Entre outros motivos, porque estas realidades podem ser resultado de uma reorganização contínua de processos mentais que acabam por construir os mundos em que vivemos.¹⁶⁶

Assim, a sociedade internacional acaba por determinar quais tipos de ideias são predominantes diante das demais. Ou posto de outra maneira, define quais paradigmas¹⁶⁷ são aceitos como verdadeiros no cenário internacional.

Pois o analista contemporâneo das Relações Internacionais frequentemente tem dificuldade em escapar de uma contemplação de mundo que não compreenda ou demande algumas verdades específicas.

Não existem interações classificadas como legítimas no cenário internacional sem o respeito aos direitos humanos ou à democracia, entre outros paradigmas dominantes na sociedade internacional. Paradigmas que curiosamente são muitos dos objetivos da sociedade internacional contemporânea.

Nada obstante, são os mesmos paradigmas que engegem esta sociedade de algumas percepções da realidade que cedem espaço a existências idealizadas.

¹⁶⁶ Merton, *Social Theory and Social Structure*, 599-600.

¹⁶⁷ Em uma análise da História da Ciência, e não das Relações Internacionais, Thomas Kuhn oferece uma perspectiva semelhante de paradigmas, indicando que as teorias científicas acabam se afirmando dentro de um quadro conceitual de pensamentos anteriormente existente, ou um paradigma, o qual o analista tende a aceitar como dado. Thomas Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011, 43-46.

Figurando como os mesmos objetivos que existem distantes dos meios possíveis para seu desenvolvimento.

Em última análise, são paradigmas que demonstram a anomia da ordem, impossibilitando para muitos a compreensão da própria anomia da ordem.

A Sociedade Anômica

A sociedade internacional enfrenta uma série de obstáculos na sua existência, suportando constantemente pelo menos três grandes desafios.

Primeiro, a necessidade de manutenção do equilíbrio construído em algumas zonas do cenário internacional. Esta harmonia garante estabilidade externa aos Estados centrais do ambiente internacional, bem como, às comunidades políticas que acordam com os objetivos das grandes potências.

Em segundo lugar, a demanda por desenvolvimento de regiões do mundo instáveis, carentes, socialmente e estruturalmente problemáticas. Tais regiões do planeta exterminam vidas humanas com frequência em virtude da fome, doenças, conflitos internos e externos, entre outros elementos. Bem como, repetidamente ameaçam contagiar o mundo estável com sua instabilidade.

E, em terceiro lugar, figura a urgência da necessidade de atendimento de ambos desafios em meio a outras demandas pontuais da sociedade internacional. Em um ambiente historicamente interdependente, as trocas de recursos entre comunidades políticas reclamam uma constante manutenção do equilíbrio neste espaço. Assim, a provisória existência humana impõe sentido de urgência aos objetivos da sociedade internacional.

Neste contexto, é a característica transitória da existência humana que acentua a condição de anomia

pré-existente na sociedade internacional. Pois diante da urgente necessidade de resolução dos graves problemas do cenário internacional, ações são frequentemente deflagradas sem uma razoável ponderação sobre seus efeitos.

Logo, porque os objetivos determinados pela sociedade internacional são urgentes, e porque a existência do homem é temporária, a anomia se acentua na ordem. Apresentando um grupo de objetivos para a sociedade internacional contemporânea que inibe o juízo sobre outras metas. Enfatizando a importância destes objetivos ao ponto de impossibilitar a consolidação de meios apropriados para o alcance destes desígnios.

Assim, compondo um mundo ordenadamente semelhante na história. Onde diferentes comunidades políticas independentes aumentam e diminuem seus tamanhos e complexidades. Chocam e acordam interesses, variando entre a definição de normas de convivência e a transgressão destas normas para consecução de objetivos particulares. Deste modo, construindo uma caracterização de ordem internacional. Composta pelo equilíbrio e pela instabilidade, pela paz e pela guerra.

Tais realidades foram capturadas por diferentes representações da existência do cenário internacional. Estas representações descrevem uma ordem internacional composta pela anarquia, pelos hábitos e pela solidariedade moral entre os atores internacionais.

Contudo, em que pese um tipo de solidariedade entre os homens de diferentes comunidades seja um objetivo da sociedade internacional, esta meta não consegue se desenvolver plenamente.

A sociedade internacional não tem tempo ou recursos para consolidar instituições capazes de regular e controlar os objetivos propostos pela própria sociedade. Porque o equilíbrio cederá lugar a instabilidade, enquanto esta deixará que aquele se instale em diferentes tempos e espaços.

Desta forma, os objetivos recebem um caráter ainda mais acentuado de urgência. Conduzindo o cenário internacional ao desrespeito das normas em nome de uma estabilidade.

Estabilidade que novamente tende a ser a chave para o desenvolvimento da instabilidade em determinadas regiões do espaço internacional. Constraindo a sociedade formada pelas comunidades políticas a uma eterna anomia da ordem. Assim, não conseguindo desenvolver meios apropriados para atingir seus objetivos, e logo, experimentado a repetição de uma existência permanentemente anômica no ambiente internacional.

Referências Bibliográficas

Bull, Hedley. "International Theory: The Case for a Classical Approach," *World Politics* 18, no 3, 1966.

Bull, Hedley. "Society and Anarchy in International Relations," in *Diplomatic Investigations: Essays in the Theory of International Politics*, ed. Herbert Butterfield e Martin Wight. Cambridge: Harvard University Press, 1966.

Bull, Hedley. *A Sociedade Anárquica: um estudo da ordem na política mundial*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

-
- Dunne, Tim. *Inventing International Society: A History of the English School*. Londres: Macmillan Press, 1998.
- Durkheim, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Durkheim, Émile. *O Suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Kant, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- Kuhn, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- Linklater, Andrew, e Suganami, Hidemi. *The English School of International Relations: a contemporary reassessment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- Mannheim, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- Maquiavel. *O Príncipe*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- Merton, Robert. *Social Theory and Social Structure*. Nova Iorque: The Free Press, 1968.
- Onuf, Nicholas. *World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations*. Columbia: University of South Carolina Press, 1989.
- Popper, Karl. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.
- Waltz, Kenneth. "Political Structures," in *Neorealism and Its Critics*, ed. Robert Keohane. Nova Iorque: Columbia University Press, 1986.
- Waltz, Kenneth. *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Gradiva, 2002.
- Watson, Adam. "Systems of States." *Review of International Studies* 16, 1990.
- Watson, Adam. *A Evolução da Sociedade Internacional: uma análise histórica comparada*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

Weber, Max. *Metodologia das Ciências Sociais – Parte I*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

Wight, Martin. *Four Seminal Thinkers in International Theory: Machiavelli, Grotius, Kant, and Mazzini*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

Wight, Martin. *Systems of States*. Bristol: Leicester University Press, 1977.

Silvério da Rocha-Cunha: Doutor em Teoria Jurídico-Política, Professor Associado da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, membro do Centro de Investigação em Ciência Política. Tem publicado diversos trabalhos na sua área de especialidade.

Marco António Baptista Martins: Doutor em Relações Internacionais, Professor Auxiliar da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, membro do Centro de Investigação em Ciência Política. Tem publicado diversos trabalhos na sua área de especialidade.

Leonardo de Mello Dutra: Doutor em Teoria Jurídico-Política e Relações Internacionais. Lecionou na Universidade de Vila Velha, Brasil, como Professor Auxiliar. Realiza, atualmente, um pós-doutoramento na Universidade de Évora.

NICPRI Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais

